# Dia 16 — Santo Edmundo, Arcebispo de Cantuária

## Martirológio Romano

Os santos mártires Rênio, Marcos, Valério e seus companheiros, na África. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Os santos mártires Elpídio, Marcelo, Eustóquio e seus companheiros, no mesmo dia; dos quais Elpídio, que era da ordem senatorial, tendo confessado com a maior constância a fé de Jesus Cristo na presença de Juliano Apóstata, primeiro foi atado, como seus companheiros, à cauda de cavalos sem domar, os quais o arrastaram, e por último morreu queimado, consumando gloriosamente seu martírio.

Santo Euquério, bispo e confessor, em Lyon, na França, varão de fé e admirável saber; sendo da ordem senatorial, preferiu a vida e hábito religioso, encerrando-se voluntariamente numa cova, onde permaneceu muito tempo servindo a Cristo com orações e jejuns, até que por revelação de um Anjo foi solenemente promovido à sé episcopal daquela cidade. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Fiscelo, bispo, em Pádua. (Aprendeu a ciência da verdadeira Religião diretamente dos mesmos discípulos dos Apóstolos, os quais, depois de conferir-lhe as sagradas ordens, o enviaram a pregar o Evangelho. Morreu pelos anos de 166.)

Santo Edmundo, bispo e confessor, em Cantuária, na Inglaterra; o qual, sendo desterrado por defender os direitos de sua igreja, morreu santamente em Provins, vila de Senonois, e foi canonizado pelo papa Inocêncio IV. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

A preciosa morte de São Otmar, abade, no mesmo dia. (Fez-se ilustre na Récia no século VIII, sendo modelo de penitentes: não comia mais que uma vez cada dois dias, e só pão e água. Morreu na paz do Senhor pelos anos de 759.)

# Santo Edmundo, Arcebispo de Cantuária

Nasceu Santo Edmundo no lugar de Abingdon, na Inglaterra, de pais muito virtuosos. Seu pai Reinaldo retirou-se a um mosteiro com consentimento de sua mulher, chamada Mabília, e viveu santamente nele. Sua mãe Mabília ficou no mundo; mas tão desprendida de tudo o que era mundo que todo o seu coração estava posto em Deus. Estes foram os pais de Santo Edmundo, medianamente dotados dos bens da terra, mas abundantemente abastecidos das riquezas do céu. A virtuosa Mabília criou santamente seus dois filhos Edmundo e Roberto. Quando os enviou a estudar em Paris, deu um cilício a cada um, encarregando-lhes que o usassem duas ou três vezes por semana, para que aquele instrumento de penitência lhes servisse como de uma cota celestial contra os golpes do espírito maligno, que se vale dos enganosos atrativos da carne para render a razão, desviando-a da servidão do doce jugo da lei de Deus. Acreditou Edmundo a boa educação que sua piedosíssima mãe lhe havia deixado como em herança. Foi um modelo perfeito de virtude; tendo feito voto de castidade diante de uma imagem da santíssima Virgem, confessou depois que aquela Mãe de misericórdia o havia socorrido em todas as suas tentações, animado em seus trabalhos, consolado em suas tribulações e sustentado em suas dores. Sua mãe enfermou gravemente e, parecendo-lhe que não sairia daquela enfermidade, chamou-o de Paris para dar-lhe sua bênção antes de morrer. Recebeu-a com profundo respeito e rogou a sua mãe que a lançasse também a seu irmão e a suas irmãs. «Não é mister, filho meu», respondeu-lhe a virtuosa matrona, «em tua pessoa a lanço a todos, porque todos participarão por ti das bênçãos do céu.» Encarregou-lhe depois, como ao maior da família, que cuidasse de colocar seu irmão Roberto e de dar estado a suas irmãs. Neste último achou-se muito embaraçado, porque, sendo ambas dotadas de extraordinária formosura, temia que perigasse sua salvação se ficavam no século. Propôs-lhes se queriam ser religiosas; e, tendo aceitado as duas este partido, o mesmo santo irmão as levou ao convento. Livre já daquele molesto cuidado, retirou-se a Paris para acabar seus estudos, os quais continuou com a maior aplicação; mas, ainda que era grande o desejo de ser sábio, era muito maior a ânsia de fazer-se santo. Estudava como se nunca houvesse de morrer e vivia como se houvesse de morrer no mesmo instante. O estudo lhe fazia tediosos e desprezíveis os gostos dos sentidos; e a virtude ilustrava seu entendimento naquelas puríssimas luzes que lhe facilitavam a penetração das mais sublimes verdades: o estudo desviava os estorvos que se opunham à virtude, e a virtude santificava o estudo; com cuja ditosa harmonia logrou Edmundo fazer-se tão sábio que era a admiração de seus mestres e ser ao mesmo tempo tão virtuoso que todos o veneravam como a um prodígio de santidade. Ao passo que ia adiantando em anos, ia acrescentando penitências. Já não usava de cilícios comuns, mas de um tão áspero que parecia, por assim dizer, tê-lo tecido a mesma penitência por sua própria mão. Logo que recebeu os primeiros graus na Faculdade de Paris, ensinou nela as letras humanas com muita reputação; mas, quando estava ditando a seus discípulos algumas lições de geometria, apareceu-lhe em sonhos sua mãe e lhe perguntou que significavam todas aquelas figuras que lhe levavam tanta atenção; e respondeu-lhe o santo mancebo o que por então lhe ocorreu. A mãe tomou-lhe a mão, assinalou nelas três círculos iguais, nomeando-os um depois de outro o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e lhe acrescentou: «Deixa, filho

meu, todas essas figuras em que agora te ocupas e daqui em diante pensa só nestas.» Compreendeu facilmente o Santo o que lhe queria dizer e desde então se dedicou ao estudo da teologia. Quando estudava tinha à vista uma imagem da santíssima Virgem, em cuja orla se representavam os mistérios de nossa redenção; e no mais vivo do estudo fixava os olhos naquela Mãe da luz com tanto fervor que algumas vezes seu espírito entrava nas doçuras da contemplação, ficando suspenso e como extático. Sempre que tomava a Bíblia para lê-la, beijava-a com respeito. Sabendo Gautier, arcebispo de York, que Edmundo tinha falta de livros, fez copiar-lhe alguns, mas ele se desculpou de aceitá-los por não dar este trabalho aos mosteiros; e antes bem, algumas vezes vendeu os que tinha para socorrer os pobres, sendo certo que os livros lhe faziam menos falta ao passo que eram maiores as luzes com que o ilustrava o céu. Fez tão grandes progressos nas sagradas letras que contra sua vontade o honraram com a borla de doutor. Disputava com tanta sutileza, pregava com tanta sabedoria e ensinava a sagrada teologia com tanta devoção que só derramava em seus discípulos e ouvintes aquelas águas puras que recolhia nas fontes do Salvador; de maneira que à profundidade da doutrina acrescentava a eficácia das sentenças, movendo os corações ao mesmo tempo que enchia de luz os entendimentos. Assim, pois, viam-se talvez homens de uma profunda erudição que se moviam a lágrimas só em ouvi-lo; e, desejosos de imitar seus exemplos, retiravam-se aos claustros para viver mais santamente. Dormindo uma noite, apresentou-se-lhe em sonhos a sala onde ensinava toda banhada de luz e como que saíam dela sete tochas acesas; e na manhã seguinte sete discípulos seus foram-se com um abade de Cister tomar o hábito em seu mosteiro. Em outra ocasião, estando para ler sobre o mistério da santíssima Trindade, ficou dormindo na mesma cátedra, esperando a hora para dar princípio à lição; e entretanto lhe pareceu que descia do céu uma pomba e lhe metia uma hóstia na boca. Falou depois do altíssimo mistério com tanta profundidade que todos conheceram a divina impressão que lhe ditava as palavras. Sempre que pregava saíam estas de um coração todo inflamado, e assim eram palavras de fogo que convertiam as almas. Pregou a Cruzada por ordem do Papa, com o privilégio de poder tomar das igrejas tudo o que necessitasse; mas não usou desta faculdade e anunciou gratuitamente o Evangelho, premiando Deus este apostólico desinteresse com o dom de milagres que lhe concedeu. Pregava um dia fora da igreja de Worcester, e de repente se cobriu o céu de uma nuvem tão negra e tão espessa que o auditório começou a mover-se para retirar-se por medo da tempestade. Manteve-se quieto nosso Santo: voltou-se para a nuvem, fez o sinal da cruz e disse em alta voz: «Eu te mando, espírito maligno, que te retires deste lugar e que não venhas inquietar a este povo.» No ponto rebentou a nuvem e, inundando a água todo o contorno, não caiu uma gota em todo o espaço que ocupava o auditório, mantendo-se sereno o ar que correspondia a ele, quando estava turbado todo o que o rodeava. Por este tempo estava sem pastor o arcebispado de Cantuária, e se consultou o Papa sobre o sujeito a quem se conferiria o cuidado daquela igreja. Era-o Gregório IX, que enviou à Inglaterra sujeitos de toda confiança para que se informassem do homem mais benemérito para aquela elevada dignidade; e, unindo-se todos os votos em favor de Santo Edmundo, ficou eleito canonicamente por arcebispo, confirmando o Pontífice a eleição. Mas o Santo, considerando-se indigno de tão alto ministério, ocultou-se e, quando foi descoberto, resistiu-se à aceitação; mas por fim, tendo-se-lhe representado que se interessava nisto o maior serviço de Deus e que sem ofensa de sua Majestade não podia persistir mais naquela resistência, rendeu-se e desposou-se com aquela igreja, que já havia muito tempo se chorava viúva. Tendo-se consagrado, dedicou-se a cuidar de seu rebanho com todo o zelo e com toda a vigilância que correspondia a um bom pastor. Era, por assim dizer, o

provedor dos pobres, o pai dos órfãos, o defensor das viúvas, o refúgio dos perseguidos e o consolo dos enfermos. Ainda que era inimigo capital de todo vício, tinha uma cordial compaixão dos pecadores, procurando insinuar-se docemente em seus corações com o fim de atraí-los e de ganhá-los para Jesus Cristo. Desta maneira vivia nosso Santo enquanto gozou pacificamente de sua sé; mas, como era tão agradável aos olhos do Senhor, não podia deixar de ser provado e purificado com o fogo da tribulação. Estava dotado de uma tenacidade e vigor episcopal que não sabia ceder quando se tratava dos direitos de sua igreja e de defender a imunidade eclesiástica. Por esta vigorosa tenacidade incorreu na indignação do Rei, dos cortesãos, dos bispos políticos e contemplativos e até na de seu mesmo cabido. Foi ultrajado e perseguido; mas sua paciência era invencível. Amava os que o perseguiam, consolava e alentava seus familiares, como também os que seguiam a justiça e a razão de seu partido, esforçando a todos com aquelas palavras tão dignas de um discípulo de Cristo e tão próprias de um bispo: «As injúrias (dizia) que me fazem são medicinas amargas ao paladar, mas no fundo saudáveis, porque contribuem à saúde de minha alma.» Sem embargo, depois de ter feito vivas e respeitosas representações ao Rei, vendo que sua presença irritava mais os ânimos e que já não se lhe deixava liberdade para exercer suas funções episcopais, ele mesmo se desterrou voluntariamente e passou à França, antigo refúgio de prelados perseguidos. Antes de partir obrou muitos milagres; e, estando já para embarcar-se, apareceu-lhe Santo Tomás de Cantuária, aquele admirável arcebispo em quem resplandeceu tanto o vigor episcopal, e o exortou a que tivesse bom ânimo, assegurando-lhe que muito em breve receberia o prêmio de seus trabalhos. Deixou, pois, a Inglaterra e retirou-se ao mosteiro de Pontigny, da Ordem de Cister, onde os monges o receberam com todo o respeito que se devia a seu caráter e à eminência de sua virtude. Pouco depois caiu gravemente enfermo e, julgando-se que devia mudar de ares, foi trasladado ao mosteiro de Soisy; mas nem por isso deixou de agravar-se a enfermidade. Conhecendo que de dia em dia lhe iam faltando as forças, pediu o santo Viático; e logo que viu em seu quarto o divino objeto de seu amor e de sua fé, estendendo devotamente os braços, exclamou cheio de amorosa confiança: «Vós, Senhor, sois aquele em quem sempre tenho crido, a quem sempre tenho pregado; o mesmo que tenho anunciado a meu povo, segundo a verdade de vosso Evangelho: Vós sois testemunha de que só a Vós tenho buscado neste mundo e de que todo o meu desejo tem sido cumprir em tudo vossa santa vontade: isto mesmo desejo agora sobre todas as coisas; fazei de mim o que fordes servido.» Ficaram suspensos e admirados os circunstantes ao ouvi-lo falar daquela maneira. O modo de olhar, os movimentos, o gesto, o tom da voz, tudo dava a entender que via realmente a Jesus Cristo. Recebeu o Sacramento do amor, e por todo aquele dia se conservou tão alegre e tão alegre que parecia ter desaparecido inteiramente a enfermidade. Administrou-se-lhe, enfim, a santa Unção e, abraçando-se então estreitamente com um Crucifixo, regava-o com suas lágrimas, beijando as chagas com devotíssima ternura; mas aplicando seus lábios especialmente à do sagrado costado, como se quisesse lançar-se a peito toda aquela preciosíssimo sangue, dizia enternecido: «Aqui, aqui se hão de beber aquelas águas saudáveis nas fontes do Salvador.» Quanto mais se debilitava seu corpo, mais se fortalecia sua alma com o vigor da graça; mas por fim, cheio de merecimentos e purificado com o fogo da tribulação, terminou uma santa vida com uma morte preciosa aos olhos do Senhor no dia 16 de novembro do ano 1240, manifestando logo Deus a santidade de seu servo com um grande número de milagres. Seu santo corpo se restituiu a Pontigny, onde se lhe deu sepultura com grande solenidade; e desde logo se começou a trabalhar em sua canonização, a qual se terminou seis anos depois de sua morte pelo papa Inocêncio IV.

# São Rufino e Companheiros, Mártires

Neste dia nosso calendário faz memória de São Rufino e companheiros mártires, que o foram Rufiniano, Estratão, Artemidoro e Severo, dos quais nos dizem os escritores da nação que foram naturais da província da Andaluzia, ainda que se diferenciam no lugar de sua origem. Uns sustentam que foi Utrera, no arcebispado de Sevilha; outros que Baeza, no bispado de Jaén; cuja disputa não derroga a verdade de seu martírio, confessado por todos, no tempo da cruel perseguição que suscitaram contra a Igreja os imperadores Diocleciano e Maximiano; não por outra causa que a de manter-se com constância invencível, confessando a Jesus Cristo apesar dos mais fortes combates dos gentios, os quais, enfurecidos ao ver a resistência destes ilustres Confessores sobre não prestar adorações sacrílegas aos ídolos, degolaram Rufino e Rufiniano; despedaçaram Estratão amarrado a dois lenhos e queimaram Artemidoro e Severo; logrando todos por meio dos expressados suplícios a apetecida coroa do martírio nos princípios do século III.

# Santo Euquério, Bispo de Lyon, Confessor

Depois de Santo Irineu, não tem havido nome que tenha dado tanta honra à igreja de Lyon, na França, como o do grande Euquério. Este foi ilustre no mundo por seu nascimento, e seu primo Valeriano teve um pai, ou um sogro, adornado das primeiras dignidades do Império; mas o Santo, menosprezando as honras e as riquezas do mundo, veio a ser muito mais ilustre na escola de Jesus Cristo. Um gênio agudo e penetrante, um repositório de doutrina nada comum e uma eloquência predominante, que o fez admirar de todos os oradores de sua era, foram os talentos que lhe ganharam a estima de todos os homens grandes do Império. No primeiro terço de sua vida esteve casado com uma dama chamada Gala, de quem teve dois filhos, Salônio e Verano, aos quais pôs muito meninos no mosteiro de Lérins, sob a conduta de seu santo fundador Santo Honorato e sob a tutela de Salviano, eloquente e zeloso presbítero de Marselha; e viveu Santo Euquério bastante para ver a ambos elevados à dignidade episcopal. Uma piedade extraordinária havia sido seu caráter distintivo desde sua meninice, e dele não se separou jamais. Quanto mais tratava com o mundo, mais se desgostava de sua caducidade e se aterrava com seus perigos: de modo que, pelos anos de 422, com consentimento de sua mulher, retirou-se ao mosteiro de Lérins. Cassiano, abade então de São Vítor de Marselha, dirigiu a Euquério e Honorato sua undécima e as seis seguintes conferências, e nelas os chama dois admiráveis modelos daquela casa de Santos. Desejoso de maior retiro, deixou Lérins e retirou-se à pequena ilha de Lero, chamada agora de Santa Margarida. Aqui escreveu seu livro sobre a vida solitária, que é uma elegante recomendação daquele estado e em particular do deserto de Lérins, habitado então de muitos Santos. No mesmo

lugar escreveu pelos anos de 427 sua incomparável exortação a seu primo Valeriano sobre o desprezo do mundo. A pureza do latim desta peça é muito pouco inferior ao da idade de Augusto: o estilo é suave e afluente, os jogos de imaginativa e expressão igualmente admiráveis, o método e ordem o mais precioso e belo e as imagens vivas e naturais, de modo que Erasmo não tem inconveniente em dizer que entre todas as produções dos escritores cristãos não encontra outra comparável a ela; porque o autor em cada uma de suas partes se manifesta completamente mestre. Du Pin diz que em pureza e elegância de estilo iguala aos melhores escritores dos séculos mais cultos. Godeau ainda o leva a mais alto grau, porque nos diz que todas as belezas da eloquência e a força de gênio e de discurso se acham ali unidos com o ar da piedade mais afetuosa, de modo que parece impossível ler este pequeno tratado sem sentir-se inspirados do desprezo do mundo e penetrados de uma cordial resolução de fazer o serviço de Deus todo o nosso negócio e interesse, como única ganância que podemos ter agora e para sempre. Quanto ao mundo, faz ver que toda quanta formosura aparenta não é formosura, mas artifício: suas honras, aplausos e companhias uma vã cerimônia e uma escravidão que só pode fazer tolerável a extravagância das paixões do homem. Pinta uma imagem tão viva da vaidade, falsidade e ilusão do mundo e do transitório, instável e incerto de seus deleites que se deixa sensivelmente ver como com os olhos materiais que o mundo passa como um fantasma e como um relâmpago a nossa vista, que se apresenta, passa num momento indizível e não volta mais. «Eu vi (diz) homens elevados ao pináculo das honras e riquezas do mundo... A fortuna parecia vir a tributar-lhes, arrojando favores a seus pés, sem necessidade de que fossem pedi-los nem buscá-los. A prosperidade em todas as suas coisas se antecipava a seus mesmos desejos e paixões; mas tudo isto num momento desapareceu. Suas vastas e imensas possessões fugiram de suas mãos e até os mesmos que as possuíam já não aparecem, já não existem, etc.» Esta exortação foi dirigida a Valeriano, próximo parente do Santo, que estava submerso nos encantos do mundo. Continuou, não obstante, em seus empregos seculares, se é que foi este o mesmo que Prisco Valeriano, a quem São Sidônio dirigiu seu panegírico sobre o imperador Avito, pelos anos de 456, como crê que assim seja Rivet, ainda que Rosweyde e Joffredo pensam que foi o São Valeriano que se fez monge de Lérins, foi depois último bispo de Cimiez, antes de ficar unida esta Sé à Nicena, assistiu aos concílios de Orange, Arles e Riez e morreu pelos anos de 460.

Nosso Santo, que, segundo diz Cassiano, brilhou como um astro resplandecente no mundo pela perfeição de suas virtudes, foi depois, com o exemplo de sua vida, modelo da ordem monástica. Tirado por fim de seu religioso retiro, foi colocado na sé de Lyon, provavelmente pelos anos de 434, em cujo estado se acreditou de fiel pastor, suspirando continuamente pelo céu; humilde de coração, rico em méritos de boas obras, poderoso em eloquência e completo em todas as ciências, excedeu em muito a todos os prelados de seu tempo, como nos assegura Mamerto Claudiano; e assistiu no ano de 441 ao primeiro concílio de Orange. A ele se atribui a fundação de várias igrejas e estabelecimentos piedosos de Lyon. Acabou, pois, uma vida excelente com uma morte santa e ditosa no ano de 449, segundo Próspero Tirão, ou mais bem no de 450. São Paulino de Nola, Santo Honorato, Santo Hilário de Arles, Mamerto Claudiano, São Sidônio e todos os homens grandes daquela idade solicitaram sua amizade e abundam em elogios de suas virtudes. Foi zeloso defensor da doutrina de Santo Agostinho e da Igreja contra os Semipelagianos. (Butler.)

# Missa (oração)

A missa é em honra de Santo Edmundo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Edmundi, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

**Português:** Suplicamo-vos, ó Deus onipotente, que na venerável solenidade do bem-aventurado Edmundo, vosso confessor e pontífice, nos aumenteis o fervor e o desejo de nossa salvação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

# Epístola

A epístola é do capítulo 5 da de São Paulo aos Efésios.

**Efésios 5,15-17**

> **Latim:** 15 Videte itaque, fratres, quomodo caute ambuletis : non quasi insipientes, 16 sed ut sapientes : redimentes tempus, quoniam dies mali sunt. 17 Propterea nolite fieri imprudentes, sed intelligentes quæ sit voluntas Dei.

**Português:** 15 E assim vede, irmãos, de que modo andais sobre aviso: não como insipientes, 16 mas como sabios: remindo o tempo, pois que os dias são máos. 17 Por tanto não sejais imprudentes: mas entendei qual he a vontade de Deos.

# Reflexões

*Resgatando o tempo.* O tempo se resgata empregando-o bem. Terrível conta hão de dar a Deus os que o malogram em tão vãs diversões; mas sobretudo no jogo. Este é o que entre todas as diversões tem feito mais progressos e, se é lícito explicar-me assim, o que tem feito no mundo mais fortuna; porque arrebata com maior império, deixa menos lugar à razão para tristes reflexões e menos liberdade ao coração para sentir seus cuidados. É verdade que já o jogo não é verdadeiramente diversão: é uma estudiosa aplicação que resseca; um trabalho ingrato e estéril

que consome os espíritos; uma paixão a que se sacrificam os bens, a quietude e a consciência. Grita-se muito contra a intensa aplicação que requerem os exercícios espirituais; mas muito maior intensão pede uma partida de jogo: ela consome numa só noite mais espíritos que muitos dias de oração e de retiro. Bom Deus, com que atenção se está para seguir uma ideia, para cativar a sorte, para aproveitar-se de um descuido, para prevenir a habilidade ou o artifício do contrário, para descobrir, enfim, seus pensamentos, para eludi-los e para suplantá-lo! Representemo-nos uma mesa de jogadores: não há coisa mais grave, mais taciturna, nem onde se note maior estudo, mais cuidadosa, mais fixa aplicação de todas as potências. Negados inteiramente a toda outra conversação que não seja a do interesse e a do jogo, continuamente estão maquinando naquelas cabeças algum incidente, algum lance favorável; tão abstraídos sempre que, chegando a parecer alienados, esquecem-se até das mais comuns atenções que ensina a urbanidade e a boa-criação. Mas tudo se lhes perdoa: posturas indecentes, palavras ofensivas, ações descompostas, rebates, cóleras, furores, como aqueles enfermos dementes que dão num frenesi, ou pela demasiada dissipação dos espíritos, ou pela agitação excessiva do sangue. Não se acaba com o jogo o mau humor, dura muito mais além. Um empenho indiscreto e obstinado, por não dizer uma espécie de furor de perpetuar a ganância ou de ressarcir a perda, renova incessantemente as partidas e faz mais violenta a paixão. A isto se reduz aquela nobre diversão que é hoje a alma de todas as tertúlias, o feitiço de toda a gente ociosa, a ciência de todas as idades, o nó de todos os passatempos; e isto é o que chama o mundo o desafogo do ânimo, inocente recreação, diversão honrada dos homens de bem, ocupação ordinária e paixão dominante de inumeráveis pessoas que estão perfeitamente instruídas das obrigações de um cristão e não ignoram de quanta consequência é empregar bem ou mal o tempo e a terrível conta que hão de dar deste emprego mau ou bom.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus (o impresso remete à página do dia 5).

**Mateus 25,14-23**

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini

> tui. [22] Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. [23] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

**Português:** [14] Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. [15] E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. [16] O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. [17] Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. [18] Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. [19] E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

# Meditação

*O perigo a que se expõem os que passam uma vida inútil*

# Primeiro ponto

Considera o perigo a que nos expomos fazendo uma vida inútil e quanto é de temer que atraiamos sobre nós os castigos de um Deus justamente irritado, com aquela terrível sentença que se fulminou contra a árvore que não dava fruto.

Muitos anos há que não cessa Deus de estar-nos cultivando: inspirações, graças, auxílios, lances imprevistos, lição de livros, tudo se dirige a converter-nos. Muito tempo há que o Senhor anda buscando frutos e só encontra folhas ou, quando muito, uns frutos como as maçãs de Gomorra: bela aparência, mas o interior podridão e amargura. Pois qual será nossa sorte? Que devemos esperar? A árvore estéril é condenada ao fogo; pois um cristão vazio de boas obras, sem devoção, que só tem de cristão o nome e a aparência, logrará o céu por razão de sua legítima?

*Quid est quod debui ultra facere vineæ meæ, et non feci?* Que mais devi fazer por minha vinha que não o tenha feito?, diz o Senhor por seu Profeta. Traze à memória todos os auxílios que te dei, todas as graças que te concedi: depois de tanto cultivo, não tinha eu muita razão para esperar que

esta vinha desse bons frutos? Com tudo isso ela não tem produzido até agora senão uvas silvestres, verdes e amargas.

*Nunc ergo, habitatores Jerusalem, et viri Juda, judicate inter me et vineam meam.* Pois agora vós mesmos, homens ingratos, haveis de ser os juízes: vós haveis de sentenciar se tenho razão para queixar-me de vós. Eu fiz por vosso bem mais do que vós mesmos podíeis esperar, muito mais do que de certa maneira pudésseis crer e seguramente muito mais do que éreis capazes de imaginar nem teríeis ousado desejar. Vós mesmos convindes nestes benefícios que haveis recebido de minha mão: mas por isso acaso me haveis servido com mais fidelidade? Por ventura me haveis amado por isso?

À vista desta reconvenção, não temos motivo para temer o justo castigo com que ameaça à vinha? *Auferam sepem ejus, et erit in direptionem.* Arrancarei a sebe com que a cerquei e a deixarei à mercê dos passantes; pisá-la-ão, destruí-la-ão e ficará convertida num caminho público. Não a cultivarei mais: cobrir-se-á de sarças e de matos; e, para cúmulo de sua desdita, já não choverá sobre uma terra tão ingrata, sobre uma vinha que não dá fruto. Facilmente se entende o que significam estas expressões. Fizeram-se na Páscoa os mais belos propósitos; conheceram-se os perigos das concorrências mundanas, dos passatempos, das mesas de jogo, das conversações, dos maus hábitos; foi fruto da dor um novo plano de vida; concluiu-se que era necessária a reforma e deu-se princípio a ela. Mas poucos dias depois da Páscoa deu-se com tudo ao través. Pois agora aquele Deus tão justamente irritado nos continuará seus extraordinários auxílios? Derramará sempre suas graças sobre nós com profusão? Deixar-te-á essa sebe que tu mesmo procuras arrancar? Cumular-te-á sempre de novos favores e de novos benefícios?

# Segundo ponto

Considera quanta desgraça é para uma alma castigá-la Deus com a justa, mas terrível privação destes extraordinários auxílios. Arrancada uma vez aquela sebe, isto é, perdido aquele recolhimento interior; debilitado aquele saudável temor dos juízos de Deus; repetidas aquelas reincidências; não produzindo já coisa alguma aqueles talentos, derramar-se-á a alma indiferentemente a todo gênero de objetos; será presa infeliz das paixões; ocupar-se-á todo o ânimo em mil tumultuosos cuidados; já não se deixará perceber a voz de Deus senão muito desmaiadamente lá no fundo do coração; os saudáveis conselhos de um diretor sábio e zeloso já não nos farão impressão; olhar-se-á com tédio a virtude; far-se-á insuportável o jugo do Senhor; parecerá como esgotado e seco o manancial das graças; e em que parará uma pobre alma num estado tão infeliz?

Lisonjear-se-á acaso alguém de que sua vida não é tão desordenada como tudo isso; mas lembremo-nos de que o servo preguiçoso e ocioso não foi condenado porque tivesse perdido o talento, mas porque não negociou com ele. Mas já pensas em confessar-te e em voltar sobre ti nas primeiras festas. Mas ah, que, se a confissão do preceito pascal foi de pouco fruto, não o será de mais a de Pentecostes! Entretanto o tempo se foge e talvez estamos já tocando o termo fatal de nossa vida. *Jam enim securis ad radicem posita est.* Acaso será esta a última solicitação da graça; acaso será esta a última vez que Deus nos gritará, que Deus nos tocará, que Deus nos apartará

para que saiamos deste estado infrutuoso e estéril: *Succide illam, ut quid terram occupat?* (Lc 13.) Corte-se quanto antes esta árvore inútil; vá logo ao fogo; a que fim há de ocupar o terreno de outra que dará sazonado fruto e acreditará as diligências do cultivo?

Coisa estranha! Estamos fazendo estas reflexões, e ainda muitos que as farão estremecer-se-ão à vista destas verdades: ninguém deixa de conhecer o grandíssimo perigo a que está exposta uma vida ociosa, uma vida inútil para o céu; mas quantos e quantos haverá para quem todas estas reflexões sejam sem proveito!

Não permitais, Senhor, que eu seja deste número. Até aqui, é verdade, fiz ineficazes todas as vossas graças, inúteis todos os vossos desvelos. Não vos canseis, grande Deus das misericórdias: continuai, suplico-vos humildemente, continuai o cultivar esta alma com vossa graça, pois nela confio que há de levar daqui em diante sazonados frutos.

# Jaculatórias

Um pouco mais de tempo, Senhor, um pouco mais de tempo, que eu vos restituirei tudo o que vos devo. (Mt 18.)

Meu Deus e meu Senhor, mostra-me hoje que és meu dulcíssimo dono e faze que comece eu a ser humilde servo teu. (3Rs 18.)

# Propósitos

1. Se compreendeste bem o perigo a que está exposta uma vida regalada, ociosa, inútil e delicada, fácil te será evitar este perigo, concebendo um grande horror a tão infeliz estado; mas guarda-te bem de que tudo se reduza a meros projetos no ar e àqueles inúteis desejos que matam os preguiçosos. Faze que sempre seja prático o fruto de todas as tuas meditações, isto é, que sempre venha a parar em reformar teus costumes, em arrumar tua vida e em entregar-te ao exercício da virtude. Até aqui tem sido inútil tua vida ou, quando menos, descobrem-se nela grandes vazios; pois faze que desde hoje em diante sejam dias cheios todos os que viveres, como se explica a Escritura. Dá princípio pelo de hoje, praticando nele todas as boas obras que convierem a teu estado: visita os pobres enfermos do hospital, consola-os com tuas palavras e socorre-os com tuas esmolas. Se não os pudeste visitar nos hospitais, visita-os em tua paróquia. Há famílias honradas e envergonhadas que têm falta de tudo: com o supérfluo que a ti te sobra e se te perde podem elas manter-se honradamente; socorre-as com liberalidade. Gasta em esmolas o que havias de gastar num suntuoso banquete, numa gala custosa que não te é muito necessária, num precioso móvel sem o qual podes muito bem passar. Faze a Deus e à caridade este sacrifício. Que te parece disto? Não te acomoda?

2. Foge da companhia da gente ociosa e de todas aquelas concorrências onde reina a ociosidade. Tem sempre alguma coisa em que ocupar-te. Uma senhora cristã sempre deve ter algum trabalho

manual em que empregar o tempo; ao trabalho manual deve suceder a oração ou a leitura em algum livro devoto; e até o mesmo descanso se há de procurar aproveitar com piedosas conversações que edifiquem e fomentem a virtude. Acostuma-te a levantar de quando em quando o coração a Deus com breves, mas fervorosos atos de amor e outras devotas jaculatórias. É devoção muito proveitosa o rezar a Ave-Maria quando se ouve a hora do relógio. Nunca será inútil uma prática tão cristã, e estas são aquelas pequenas indústrias com que a alma se enriquece.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:47 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:47 by Admin